



**cada leitura,
uma experiência**

Johan Konings
Jaldemir Vitório (orgs.)

Marcos

Reino, Messias, discipulado



SUMÁRIO

Apresentação	7
O caráter narrativo parabólico do Evangelho segundo Marcos	9
1. Para ler as narrativas evangélicas	9
2. Pragmática das parábolas no Evangelho de Marcos	16
3. As Parábolas do Reino em Marcos	24
4. Vigiar estando à espera do Filho do Homem: O discurso escatológico do Jesus histórico em Marcos 13	29
O Messias Jesus	35
1. A identidade do Messias a partir dos títulos cristológicos	35
2. O Messias por palavras e obras	41
3. As obras do Messias	46
4. O Messias Crucificado	50
5. Conclusão	53
Escatologia em Marcos 13: Reino e anti-Reino	55
1. Pressupostos: escatologia e apocalíptica	56
2. Escatologia no Evangelho de Marcos	58
3. O discurso escatológico e apocalíptico em Marcos 13	60
4. A vinda gloriosa do Filho do Homem	64
5. Reino e anti-Reino	68
6. Conclusão	69

Discipulado em Marcos	71
1. Seguindo Jesus na Galileia e região.	73
2. Jesus instrui os discípulos no caminho da cruz	79
3. Discipulado em Jerusalém	87
4. Conclusão	104
 Referências	 107

APRESENTAÇÃO

Apresentamos aqui o estudo do Grupo de Pesquisa “A Bíblia em Leitura Cristã”, da FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, realizado durante o ano de 2017. O tema foi o *Evangelho segundo Marcos* em perspectiva narrativa. O foco é o diálogo entre o autor e o leitor implícitos, percebendo os recursos literários e a condução pragmática que o texto apresenta.

A leitura deste subsídio se desloca das observações analíticas para uma compreensão abrangente, caracterizada pelas dimensões narrativa e pragmática, na linha da exegese recente do Novo Testamento. Narrativa, no sentido de não procurar uma reconstrução historicista dos fatos, mas a compreensão do ensinamento que o autor proporciona a seu leitorado-audiência original, segundo o modo de organizar e a lógica narrativa de que lançou mão no seu relato, em função, exatamente, do que “eles podiam compreender” (Mc 4,33). Esse princípio querigmático-catequético, Marcos o tem diante dos

olhos em toda a sua narrativa: os ditos e os feitos de Jesus, sua atuação inteira, têm o caráter de parábola: pela narração do que é visível e acessível, “revela” aquilo que ultrapassa nossa compreensão natural.

Esse modo de narrar tem índole pragmática - no sentido literário - porque molda a mente e o coração do destinatário do texto, o leitor-ouvinte, no sentido daquilo que a Revelação espera dele como resposta. E este destinatário, ainda que seja em primeiro lugar o cristão do fim do primeiro século cristão, é concebido numa perspectiva que atravessa as gerações e os continentes, como mostra a injunção de rememorar a mulher que ungiu Jesus, “no mundo inteiro” (14,9).

Como mostra a exposição abrangente do último capítulo deste estudo, Marcos abre essa visão da fé de modo progressivo, pedagógico, confrontando-nos, no início, no meio e no fim, com o perfil misterioso de Jesus, que transforma nossa vida diante dele: ele é o Filho amado de Deus (1,11; 9,7; 15,39), ao qual nos é dado escutar e acompanhar no caminho do discipulado.

Belo Horizonte, 2019

Johan Konings (Org.)

O CARÁTER NARRATIVO PARABÓLICO DO EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

Jaldemir **Vitorio**

Suresh **Periyasamy**

Erike Couto **Lourenço**

Jacir de Freitas **Faria**

I. Para ler as narrativas evangélicas

Longe de serem biografias de Jesus, os quatro evangelhos são catequeses destinadas a reforçar a fé das primitivas comunidades, em contextos de crise. As questões levantadas na vivência do discipulado cristão foram respondidas com criatividade, retomando as tradições a respeito do Mestre e organizando-as cronologicamente. Marcos abarca seu ministério até a morte e ressurreição; Mateus e Lucas partem de seu nascimento e infância; João chega à sua pré-existência. Na catequese evangélica, muitas vezes, a palavra é dada ao próprio

Jesus, de modo a fazer sua voz ressoar nos ouvidos dos discípulos e das discípulas, ao longo dos tempos.

Escritos para diferentes comunidades, em diferentes tempos e lugares, os evangelhos originam-se de contextos históricos, sociais, políticos, religiosos e comunitários precisos, cujo conhecimento é necessário para serem bem entendidos. Nas entrelinhas das narrativas, encontram-se as orientações dos evangelistas para suas respectivas comunidades, em conformidade com a tradição recebida, tanto oral quanto escrita.

As cenas evangélicas, bem como os ditos e os ensinamentos de Jesus, são formas de torná-lo presente, vivo e atuante, no coração das comunidades de fé, em sua busca da fidelidade, em meio às provações advindas de todos os lados, somadas às provenientes de seu próprio interior.

Cada evangelho narra Jesus de Nazaré de forma peculiar, embora se servindo das mesmas tradições, ao serem integradas no projeto narrativo de cada evangelista. O mesmo Jesus é apresentado com quatro diferentes rostos, embora seja possível discernir os elementos de unidade entre eles. E o será com muitos outros rostos, dependendo de onde o evangelho é anunciado – narrado – e dos questionamentos da fé dos cristãos e das cristãs, em seus respectivos contextos. Não existe um Jesus padronizado a ser proclamado mecanicamente, sem levar em conta a situação concreta do anúncio. Cada narração evangélica será original por ter objetivos bem específicos, conforme as necessidades da comunidade à qual se destina.

O leitor é guiado pelo narrador – o evangelista –, ao longo do texto, sendo-lhe apresentados os fatos referentes à vida e à pregação de Jesus, para suscitar em seu íntimo o desejo de se manter fiel no caminho iniciado no seguimento do Mestre de Nazaré. A conservação e a canonização dos quatro evangelhos é sinal seguro da autoridade